

Sobre a Fenomenologia

MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO

De acordo com Joel Martins,

*fenomenologia é, neste século, um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível, de pressupostos e de preconceitos.*¹

Nessa afirmação aparecem três unidades significativas que, se perseguidas na busca de serem compreendidas e interpretadas, mostram o que a fenomenologia diz do mundo e do pesquisar. Essas unidades, por mim destacadas como significativas, são:

1. investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente
2. explicação causal
3. tão livre, quanto possível, de preconceitos

¹ Conforme anotado em aulas proferidas pelo Professor Joel Martins no Curso de Inverno "Fenomenologia e Currículo", PUC-SP, 1990.

Antes de focar essas unidades, é preciso que se diga que a fenomenologia surgiu e cresceu com Edmund Husserl. No entanto, tanto com ele quanto com os outros pensadores fenomenólogos, como Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer e Ricoeur, por exemplo, o pensar fenomenológico tem se desenvolvido gradualmente e tem se transformado de maneira contínua, conforme o tema interrogado e o pesquisador que interroga. Ela surge como um novo método destinado a fundamentar tanto a Filosofia como as Ciências.

Por que novo método? A que ou a quem ela se opõe criticamente?

Ao abordar estas perguntas, já coloco em foco a segunda unidade significativa acima mencionada: “explicação causal”. Para que o espírito da explicação causal seja entendido, é preciso que seja situado o espírito do positivismo. E a fenomenologia se opõe de modo direto ao positivismo. Este, como a própria fenomenologia e outras concepções, é um pensar a realidade de modo rigoroso, ou como costuma ser dito: é um modo científico de conhecer a realidade.

O positivismo concebe a ciência como um corpo de conhecimentos formado por proposições cientificamente comprovadas, interconectadas segundo os parâmetros aceitos pela Lógica. Esse corpo de conhecimentos orienta a formulação de problemas a serem pesquisados e os procedimentos a serem perseguidos para tratá-los. Essa visão de ciência foi concebida na época Moderna e ainda é hoje, época Contemporânea, muito aceita e difundida. Eu diria até que ela é hegemônica nos meios acadêmicos do mundo ocidental.

Para esse modo de conceber a ciência, a questão da coluna mestra fica claramente colocada. Essa coluna é constituída pela teoria e pelos padrões de rigor por ela aceitos. A teoria é, como já foi dito, constituída pelo conhecimento já elaborado. Ela explica fatos já conhecidos e prediz os ainda não conhecidos. Na perspectiva da

predição, tem-se a orientação do que pode ser perguntado e de como o perguntado pode ser respondido. Isso é dado pelos padrões de rigor os quais são postos em termos de objetividade e de neutralidade. A objetividade é baseada na quantificação. A neutralidade na separação do pesquisador do objeto de pesquisa.²

A fenomenologia, portanto, é um pensar a realidade de modo rigoroso. O que a caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual age para perseguir essa meta. Falar em “modo pelo qual” pode pôr em destaque os procedimentos, os métodos pelos quais faz isso. Os procedimentos, porém, são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, *a priori*, categoria, intersubjetividade.

Ao abordar estes temas, estou pondo em destaque as primeira e segunda unidades de significado apontadas “investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente” e “tão livre quanto possível de preconceitos”.

Fenômeno: é a palavra que diz da fenomenologia. Compreendendo e interpretando seu sentido e significado, o mundo da fenomenologia se mostra. Fenômeno vem da palavra grega *faínomenon* — que deriva do verbo *faínestai* — e significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência.

Consciência, na fenomenologia, é intencionalidade, é o estar voltado para... atentivamente.

² BICUDO, M.A.V. *Sobre Educação Matemática*. Rio Claro: Unesp, 1991 (mimeo).

O mostrar-se ou o expor-se à luz, sem obscuridade, não ocorre em um primeiro olhar o fenômeno, mas paulatinamente, dá-se na busca atenta e rigorosa do sujeito que interroga e que procura ver além da aparência, insistindo na procura do característico, básico, essencial do fenômeno (aquilo que se mostra para o sujeito).

Sendo fenômeno assim compreendido, *realidade*, então, já não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado em termos de um conhecimento que privilegia explicações da mesma em termos de causa e efeito. A realidade, porém, o que é, emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A fenomenologia, assim, aceita um fenomenal que não questiona, uma vez que nunca é vislumbrado; mas interroga o fenômeno, o que é experienciado pelo sujeito voltado atentivamente para o que se mostra. A realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado. É, portanto, *perspectival*, não havendo uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações.

Esse modo de conceber a realidade tem levantado questões por parte de críticos e opositores, como: a fenomenologia se sustenta em um psicologismo e sua "verdade" é subjetiva e relativa.

Há, pelo menos, dois pontos importantes no pensar fenomenológico que afastam essa crítica. Dizem respeito à própria concepção de fenômeno, do que é percebido. "Perceber o fenômeno" quer dizer que há um correlato e que a percepção não ocorre no vazio, mas em um estar-com-o-percebido. Todavia, o que é percebido, nunca é visto sem que seja olhado. É o invisível se mostrando, tornando-se visível. Para tanto, solicita um ver e uma consciência atenta que o veja. É o ir-às-coisas-mesmas, experiência fundante do pensar fenomenológico, necessário ao rigor do pesquisar fenomenológico. É o livrar-se de pré-conceitos, ou seja, de conceitos prévios

que estabeleçam o que é para ser visto. Isso não quer dizer que não trabalhe com experiências prévias do pesquisador, as quais constituem o pré-reflexivo que busca tornar-se reflexivo durante a trajetória da pesquisa.

É importante que seja destacado que o que é visto não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fenômenos co-percebidos. Forma-se um campo de percepção, onde estão presentes o fenômeno posto em foco e outros co-percebidos. Sujeito e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos. A co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera da *intersubjetividade*. Esta é *dificultada* e ao mesmo tempo *facilitada* pela linguagem, veiculadora de discurso.

Facilitada, porque a linguagem, principalmente a falada e a escrita, é composta por palavras que *dizem* e por uma gramática que padroniza a forma do dizer. Há, assim, um padrão linguístico que modela formas de ver (perceber, compreender, interpretar) e falar (dizer, agir) de sujeitos que partilham de uma comunidade, estabelecendo uma base comum para esse partilhar. *Dificultada*, porque as palavras, os signos, não dão conta do vivido. Há, como diz Ricoeur³ um excedente de sentido, proveniente da experiência do ir-à-coisa-mesma. As palavras não dizem tudo e não são objetivamente dadas, ou seja, não há uma relação biunívoca entre palavra e o seu correlato (experiência vivida). Portanto, o comunicado solicita uma hermenêutica, isto é, clama por interpretação dos sentidos e dos significados

³ Cf. RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.

que pode expressar. As compreensões e interpretações levam os sujeitos que convivem e que estão atentos, interrogando o fenômeno, de volta tanto à experiência da coisa mesma como à sua comunicação. O ir-à-coisa-mesma ou ir à experiência vivida e compartilhada estabelecem uma esfera de intersubjetividade, não permitindo que a *verdade*, tal como concebida pela fenomenologia, seja tão somente psicológica, subjetiva e relativa.

Mas, então, como fica a verdade? Não a concebendo como algo objetivamente dado, passível de ser conhecida intelectualmente através de conceitos que a representem de modo adequado, — verdade entendida como significando adequação, a fenomenologia interpreta verdade como desocultamento, como *aletheia*, significando “mostração” do que é essencial ao fenômeno.

Fenomenologia, que é uma palavra composta por *Fenômeno* mais *logos*, agora pode mostrar-se ao leitor atento como significando o discurso do que se mostra como é, uma vez que discurso é o falar inteligível sobre o que se mostra. Discurso é o *logos*, a inteligibilidade aparecendo e se estabelecendo na comunicação (na linguagem).

A essência do fenômeno é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado na direção da verdade (“mostração” da essência). O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor. Para tanto são básicos dois momentos: *epoché*, quando põe o fenômeno em suspensão, destacando-o dos demais co-presentes ao campo perceptual do pesquisador, e *redução*, quando descreve o visto, seleciona as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno. Isso é feito com

o auxílio da técnica “variação imaginativa”. Através de comparação no contexto onde o fenômeno está situado, e de eliminações do que julga ser supérfluo, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes segundo o que vê como essencial, característico, básico.

Experiência é compreendida como experiência vivida. É diferente de experiência compreendida enquanto empírica ou informativa. Para esta concepção, não é o pragma que importa, enquanto experiência das coisas de que o sujeito se ocupa, mas importa a práxis, enquanto agir e fazer, de modo criativo e crítico.

O pensar fenomenológico não prescinde da práxis, isto é, da experiência vivida no mundo-vida. A essência de que trata a fenomenologia não é idealidade abstrata dada *a priori*, separada da práxis, mas ela se mostra nesse próprio fazer reflexivo. Ao desvendar a essência, a consciência, em um movimento reflexivo, realiza a experiência de percebê-la, abarcando-a compreensivamente, ou seja, trazendo-a para o seu círculo de inclusão ou horizonte de compreensão. É a experiência transcendental, o apropriar-se do desvendado, ou seja, do que a incursão realizada apontou como característico do fenômeno interrogado.

Numa tentativa de síntese e apropriando-me do dizer de Joel Martins, vejo que a trajetória fenomenológica consiste de três momentos, que não devem ser vistos como seqüências: *epoché*, a redução e a compreensão (interpretação) fenomenológica.

A priori também é um termo que aparece no discurso fenomenológico. Contudo, seus significados não são aqueles atribuídos por Platão ou por Kant. Isto quer dizer que *a priori* não se refere a algo que existe separado do mundo sensível, de modo perfeito, nem se refere ao formal anterior a qualquer experiência e que possibilita

a organização da mesma. Husserl fala do *a priori* enquanto histórico, interpretando-o em termos das experiências vividas pelo sujeito no mundo-vida. Estas se constituem no conhecimento prévio (*a priori*) no qual a interrogação sobre o fenômeno é formulada e a pesquisa iniciada. É a trajetória que vai na direção do conhecimento pré-reflexivo para o reflexivo.

Husserl fala, também, em *categorias*. Este é outro termo carregado de significado na região da Filosofia. Por isso, é importante que o significado atribuído por Husserl às categorias seja mostrado. Não é o significado aristotélico, ou seja, categorias entendidas como determinação do Ser do ente. Mas Husserl delas fala como grandes regiões de generalidades compreendidas e interpretadas no âmbito do estudado. Nas pesquisas realizadas pelos membros da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas, principalmente naquelas conduzidas sob a modalidade do fenômeno situado, tem-se falado em *categorias abertas*. Abertas porque são dadas à compreensão e interpretação do fenômeno na região do inquirido investigada. Estas categorias também são denominadas de convergências.

2 Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação, que Tem a Fenomenologia como Suporte

MARIA INÊS FINI

Antes de falar sobre o modo de conduzir pesquisas em Educação tendo a fenomenologia como suporte, é preciso alertar para o “fascínio” que esta modalidade sugere, muitas vezes por ser interpretada por leigos em fenomenologia como aparentemente mais fácil de ser conduzida ou romanticamente entendida como a grande substitutiva do modelo tradicional de pesquisar em Educação, inspirado no modelo positivista de Ciência.

Seguramente, esta abordagem é uma das maneiras de conduzir pesquisas em Educação e, para quem a pratica, ela se reveste de um fascínio especial que representa o envolvimento do pesquisador com o ato de pesquisar. É também uma alternativa rigorosa que se contrapõe frontalmente à tradição da pesquisa positivista. Entretanto, pressupõe que o pesquisador conheça a fenomenologia e dê sua adesão a ela, atentamente, antes de tentar praticá-la.

Quero dizer com isto, que é preciso apropriar-se de um conhecimento próprio à Fenomenologia Filosófica para construir o conhecimento em Educação a partir deste.